

- 6 111 100

JORNAL DAZILIANSE

DF-Lago

Novo exemplo de Brasília Paranoá

A ecologia está demorando demasiado para mobilizar, em massa, os brasileiros. Há pouco, houve quem quisesse importar modismos europeus, do tipo do Partido Verde da República Federal da Alemanha. Onde funciona como uma espécie de PT, desaguadouro de toda sorte de descontentamentos, embora as analogias sejam sempre perigosas. Ocupado o espaço, os ecologistas caboclos ficaram sem possibilidade de legenda partidária, até hoje.

Mas o que interessa não são ideologias e, sim, coisas práticas, diretas, imediatas. O Brasil assiste, estarecido, a derrubada predatória de milhares de hectares da Amazônia por ano. Fenômeno tão maciço que chega a ser fotografado por satélites. Só agora se começa a falar em tombamento de metade da floresta amazônica, afinal de contas não se deveria tombar apenas monumentos históricos. O problema consiste na pobreza de meios do IBDF. Se ele não consegue vigiar as pobres matas ciliares, residuais, quanto mais a Amazônia, uma área imensa.

Aqui no Distrito Federal o problema ecológico grave está no Lago Paranoá, uma suprema ingratidão, porque sem ele a cidade e satélites seriam simplesmente inabitáveis, a umidade relativa do ar quase tão baixa quanto a do deserto do Saara.

Nada disso comoveu transeuntes e até habitantes de Brasília, todos ou muitos desleixados com o tratamento do lago, nele lançando detritos de todas espécies, a ponto de torná-lo sujo e nauseabundo. Grave prejuízo também para o lazer, em grande parte dependente

do Paranoá, e já não se fala nos moradores às suas margens, surpreendentemente os mais ricos da região. Que fizeram e fazem eles? Em que fica seu maior acesso às informações? Quais contribuições, intelectuais e materiais, dão aos movimentos ecológicos de Brasília? Por mais incrível que pareça, nenhum. Limitam-se a agir nos bastidores, em proveito próprio, como se vê enfim na grande decisão governamental de despoluir o lago.

Não exagera o governador José Aparecido ao declarar que a despoluição do Paranoá será a maior obra da Nova República, pelo menos no Distrito Federal. Realmente, que escândalo de opinião pública não terminaria sendo, pelas páginas da imprensa e voz e imagem de rádio e televisão, se a fedentina do Paranoá atingir graus insuportáveis?

Por incrível que pareça, a principal causa da sua poluição está no contínuo despejo, há décadas, dos esgotos públicos. Isto é, o próprio Governo se encarregava da sua destruição. Ao que se deve somar o desleixo, até de moradores granfinos, jogando no lago toda sorte de lixo doméstico. Tudo junto, uma pequena catástrofe ecológica ameaçando tornar-se enorme, dada a importância do Paranoá para a sobrevivência da capital federal.

Que a ciclovía, em suas margens, não seja outra democratização apenas romântica. Palco, em breve, de concentração de marginais para assaltos de transeuntes e assalto mais fácil das casas pelos fundos, se ali não houver adequado policiamento preventivo.

Democracia começa por baixo, pela redistribuição de renda e qualificação da mão-de-obra, tarefas aliás acima das atribuições do GDF, por mais que ele se incorpore ao esforço. E não por cima, pelo lazer, por bem intencionada que seja a sua promoção. Pois se não houver educação, e muita, a ciclovía, como rua, pode terminar caminho de lixo no quintal dos outros. Mas isso fica para comentários no momento oportuno, por enquanto só uma advertência.

O principal consiste, agora, em salvar menos a estética e o lazer, que até a saúde dos vizinhos do lago, por extensão a população inteira do Distrito Federal. O saneamento do Plano Piloto e das cidades-satélites encontra-se implícito. São os esgotos, repita-se, os principais responsáveis pela poluição. Resolvê-los é atacá-los pela raiz, com duplo efeito sanitário, nas fontes e nos escoadouros. O que não podia era continuar como está, já uma vergonha, vésperas de um escândalo de proporções nacionais, capaz de causar sérios danos à reputação de qualquer administração.

Lembre-se ainda o que os economistas classificam de efeito-demonstração: as repercussões emuladoras, quando alcançado êxito na operação, modelo para outras empreitadas no gênero, País afora. Há muito Paranoá poluído por aí, a começar pelo triste exemplo maior, a baía da Guanabara, lentamente se transformando em gigantesca poça de lama nas praias interiores da cidade outrora mais maravilhosa.

A despoluição do Lago Paranoá deve transformar-se num marco e noutro exemplo de Brasília.